

**“DESENCANTADAS CRIATURAS PROIBIDAS DE AMAR”:  
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MULHERES CELIBATÁRIAS<sup>1</sup>**

**Cláudia J. Maia**

Profa. do Departamento de História da Unimontes/  
Doutoranda em História na UnB.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção discursiva de mulheres celibatárias no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, época em que as mulheres engajaram-se de forma mais efetiva no mercado de trabalho e diversos discursos procuravam instituir o casamento e a família conjugal como modelos ideais e hegemônicos. Para tanto, selecionei duas matérias veiculadas em revistas brasileiras de circulação nacional, onde realizei recortes procurando destacar superfícies discursivas que julguei importantes para identificar matrizes de sentido que interessam a meu objeto de análise<sup>2</sup>.

A primeira matéria, publicada em 1940, na revista *Alterosa* de Belo Horizonte, é uma entrevista onde quatro atrizes famosas do cinema norte-americano respondem à pergunta: “qual a vida melhor: a de casada ou de solteira?”; das quatro respostas selecionei uma para a análise. No texto que introduz as respostas, diz o repórter:

Como viveram e como pretendem viver? Quando solteiras eram mais felizes do que depois de casadas ou...? Em algumas perguntas que devem, forçosamente, interessar magneticamente, **todas** as mulheres, sejam **casadas ou solteiras, noivas ou solteironas...**<sup>3</sup>

O cinema americano, nesse período, exercia muito fascínio sobre as pessoas, sobretudo sobre as mulheres, em função do forte apelo às histórias de amor, daí a resposta das atrizes “**interessar magneticamente**” a todas as mulheres que, nesse enunciado, são categorizadas pelo repórter tendo em vista seu destino social – o casamento. Ao lado de casadas, solteiras e noivas, uma outra categoria de mulher que não se enquadra naquelas, a solteirona: alguém que não casou e que já passou do tempo de se casar<sup>4</sup>. Nesse sentido, o enunciador constrói as categorias a partir de uma situação estável, definitiva, e outra transitória, enquadrando as mulheres numa ou noutra como indica a conjunção **ou**: casada (situação estável, definitiva) ou solteira (situação transitória), noiva (transitória) ou solteirona (situação estável, definitiva); dentro desse universo limitado, elas são uma coisa ou outra. Antes de apresentar as respostas, o repórter constrói primeiro o lugar de fala das

entrevistadas: bonitas, famosas, cortejadas, ou seja, com atributos de uma moça casadoira que facilmente conseguiria um marido, alguém que está habilitada a exercer uma escolha (entre a vida de casada e a de solteira). Responde a entrevistada sobre qual seria o tipo de vida melhor:

- A de casada, sem dúvida! Nem pode haver duas opiniões a respeito, penso eu! A solteira vive *ansiosa*; por mais que aparente indiferença, vive pensando no próprio destino... Será, um dia, esposa **ou** irá aumentar a legião de solteironas, **das desencantadas criaturas proibidas de amar?**

De acordo com o excerto anterior, o destino de todas as mulheres é o casamento, excluindo outras possibilidades de que se pode ocupar o pensamento, como uma carreira profissional. Dessa maneira, a vida de casada por oposição à vida de solteira é melhor, não podendo **“haver duas opiniões”**, já que a primeira põe fim à ansiedade de sua existência – conseguir ou não um marido. Novamente a conjunção **ou** indica a situação – entre duas únicas possibilidades de condição social – inerente ao destino das mulheres: esposa, realizada, amada e feliz **ou** solteirona, desencantada, proibida de amar. A matriz de sentido principal nessa enunciação é, dessa forma, o amor na sua modalidade burguesa, que determina a felicidade e a realização enquanto mulher. Indica, portanto, que há pessoas que estão autorizadas a amar e outras não, que há um tempo adequado, limitado para as mulheres se entregarem ao amor, e este tem como finalidade o casamento. Esse é o ideal do amor romântico burguês que emerge como o caminho indispensável à plena realização do bem-estar e da felicidade pessoal, e que tem seu ponto de culminância no casamento. Assim, o amor romântico, fundamentado na intimidade da vida a dois, torna-se base das relações conjugais e princípio de uma “escolha individual”<sup>5</sup>. Nesse sentido, pode ser pensando também como um dos pontos de assujeitamento das mulheres na medida em que o amar e ser amada foi construído como algo precioso que deveria ser buscado a todo custo, pois trazia a promessa de felicidade<sup>6</sup>.

A segunda matéria intitulada a “Tragédia das solteironas”, escrita por Berilo Neves, foi publicada na primeira página da *Revista da Semana* em 17 de julho de 1937<sup>7</sup>. Essa é uma coluna de destaque da revista em que normalmente se publica crônicas. Nela, o autor

escreve como se estivesse respondendo à carta de uma leitora; contudo, como não se trata de uma coluna dessa modalidade, ele pode ter utilizado a resposta a uma carta como estilo literário, e a missivista “Arabela” pode representar, nesse caso, todas as solteironas, para quem ele dirige diretamente sua escrita, ou um tipo de solteirona para quem ele constrói o lugar de fala. O enunciador inicia seu discurso criando a diferença entre aquelas que aceitam sua condição social – de solteirona –, através do ato de confissão, e aquelas que não aceitam.

Arabela:

O papel em que V. escreve não é de cor, nem é perfumando. É simples, pobre, regulamentar e burocrático. **Entretanto**, sei que a sua alma **não é uma alma commum**. A sinceridade com que **confessa** a sua triste situação de solteirona é um índice psicológico que a ennobrece.

“Faço parte – diz V. textualmente – das *solteironas, professoras desiludidas, farandula hostil de todas as mulheres que não se integraram na Biologia*”. E acrescenta timidamente, dentro das portas fechadas de um parenteseis: “não foi por falta de caldo de laranjas, porque **não** sou feia”.

No trecho final do extrato, o enunciador apresenta entre aspas o que lhe é confessado, para indicar que foi escrito pela missivista, destacando em itálico as representações sociais que estão sendo cristalizadas do que é uma solteirona. As palavras, na superfície discursiva, por sua historicidade, têm uma memória discursiva. Elas possuem, além do dito, outros efeitos de sentidos, do já-dito: professoras desiludidas (mulheres que possuem grau de instrução mais elevado, uma profissão remunerada, normalmente intelectual, e não realizaram seu “sonho” de casamento); farandula hostil (pertencem a um grupo barulhento de mulheres enfurecidas como foram caracterizadas as feministas deste período); não se integraram à Biologia (não cumpriram seu destino biológico – a maternidade). O “não sou feia”, é um efeito de negação para afirmar que solteironas são feias.

No início do enunciado, há ainda um jogo de palavras utilizado para imprimir sentidos sobre o que seria a “alma” feminina e construir a diferença em relação às mulheres celibatárias. O enunciador fala do papel sem cor, sem cheiro, pobre, regulamentar, burocrático, para se referir na verdade à alma da suposta missivista, indicado pela conjunção **entretanto** que, nessa oração, funciona como elemento de ligação de uma sentença a outra e ao mesmo tempo de refutação. Ou seja, apesar de solteirona, “Arabela”

não tem uma alma comum às demais solteironas, porque assume sua condição social, confessa-se. A confissão é uma técnica de produção de verdade sobre si, conforme afirmou Foucault, altamente valorizada no ocidente e se inscreveu “no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder”. Assim, ao confessar sua “trista situação”, que significa estar dentro do seu processo de assujeitamento como solteirona, Arabela, ou todas as mulheres celibatárias que a figura de Arabela representa, redime-se, enobrece-se, pois, conforme Foucault, a confissão “produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, liberta-o, promete-lhe a salvação(...)”<sup>8</sup>. O processo de diferenciação continua em outros extratos do texto:

Não se engane, porém, amiga Arabela: o pior, para uma mulher, é não casar. **O celibato feminino é uma fábrica, activíssima, de monstros.** A mulher é um ser profundamente affectivo. **Nasceu para amar** – seja a um **homem, a um santo ou a um gato. Muitas**, victimas de namoros malogrados, refugiam-se no seio acolhedor da Igreja. São milhares e milhares de devotas, mysticas, exaltadas do sentimento religioso, que encontram aos pés da Cruz um consolo para sua **felicidade perdida.** **Outras** dedicam-se ao professorado – e infernam a alma terna das creanças (devia ser proibida a existência de professoras solteiras!). Como não casaram, descarregam nos petizes todo o fel accumulado em longos annos de renuncia. **Outras**, enfim, dedicam-se a falar mal da vida alheia, a intrigar, a pôr veneno na vida dos conhecidos, a começar pelos parentes...

O casamento e a maternidade nos discursos desse período são construídos como fundamento da vida das mulheres, única forma delas serem felizes e se realizarem enquanto mulheres, porque é intrínseco à sua natureza. Esses discursos criavam marcas das “diferenças sexuais” que atrelavam as mulheres a um destino biológico (maternidade) e social (casamento). Nesse processo de assujeitamento das mulheres, elas deveriam ser esposas fiéis, mães amáveis, donas de casa hábeis e dedicadas. Neste texto, o enunciador também construiu, anteriormente, sua argumentação sobre o casamento, onde estão presentes diversos elementos que alimentaram o debate em torno das relações conjugais, travados na mídia escrita brasileira como vários estudiosos/as têm mostrado.

Assim, o enunciador primeiro iguala todas as solteironas, a quem o celibato tornou um **monstro**: uma pessoa portadora de anomalias, cruel e horrenda; em seguida eles as diferenciam, tendo como principal elemento da diferença a capacidade de amar. O amor também aparece, no enunciado, como algo natural, intrínseco às mulheres: elas nasceram

para amar independentemente de quem, ou do quê, seja homem, santo ou gato. Esses elementos não são da mesma natureza, mas o amor das mulheres sim. Usa o “**muitas**” para indicar que não são todas que “refugiam-se no seio acolhedor da Igreja, encontram aos pés da Cruz um consolo para sua **“felicidade perdida”**. **Outras**, ou seja, aquelas incapazes de amar, vão despejar sua infelicidade e frustração sobre o outros. As que têm uma profissão, como indica a palavra **professora**, vão despejar seu amargor no ambiente de trabalho; aquelas que não trabalham – e serão mais miseráveis porque são dependentes – se especializam em fofocar, espalhar a intriga e o veneno na vida dos mais próximos, nesse caso os parentes. Ele segue na especificação:

**Todas elas** – mestras ou analfabetas – têm ódio às moças que se casam. Possuem, em maior ou menor dose, o **instincto da maldade**. A história de milhares de tragédias conjugais nasce dessas almas torvas, às quaes tudo se deve **perdoar** pelo muito que soffreram e penaram. Casaes felizes devem fugir das solteironas como o Diabo da cruz. A **Medicina** sabe que os enfermos de certas moléstias contagiosas têm um prazer satânico em transmittir a sua doença às pessoas sadias. Existe, na psycho-pathologia das solteironas, phenomeno análogo.

O enunciador vale-se de três elementos principais para produção de sentidos sobre as solteironas: ódio, inveja, rancor. Esses elementos são deflagrados em sua personalidade porque fracassaram no objetivo da sua vida, por isso se deve ter benevolência para com elas. As solteironas têm o “instincto da maldade”, ou seja, a maldade é nelas algo naturalizado, faz parte da sua essência, e elas sentem um “prazer satânico” em transmiti-la aos “casaes felizes”. Assim como os enfermos de certas moléstias contagiosas, a maldade, a inveja, o rancor da solteirona contagia. A Medicina, que o enunciador utiliza como um argumento de autoridade, pois é um discurso científico, aconselha, em todos os casos de doenças infecto-contagiosas, o isolamento do doente, o recolhimento para lugares especializados onde não ofereçam perigo e possam ser tratados e curados. Assim, a doença, ou tudo que representasse perigo à saúde pública, e principalmente da família, deveria ser isolado, afastado. A associação entre maldade e doença infecto-contagiosa leva o leitor a concluir que, assim como os doentes, as solteironas deveriam ser isoladas, retiradas, dos ambientes sadios (como a família conjugal higienizada), de onde ela poderia poluir com seu veneno, discórdia e inveja: **“Casaes felizes devem fugir das solteironas**

**como o Diabo da cruz**”<sup>9</sup>. Penso que todo o **ódio**, que não provém, mas é dirigido à mulher celibatária, não é porque ela seja má, mas porque ela é a materialização de que nem todas as mulheres seguiram as prescrições da cultura, destinando suas vidas ao casamento e à maternidade. Enquanto exemplo corporificado de uma forma outra de existência, que por si é questionadora das relações de poder do casamento, a solteirona está em todo lugar: na escola, em casa, no cinema, nos escritórios, no supermercado, na igreja, etc., exemplo visível que precisa ser escondido, ou pelo menos camuflado sob a roupagem de um ser repugnante e desprezível, mas de quem se deve ter misericórdia.

Como forma de confirmar a regra, o enunciador apresenta a exceção: “existem – é claro – as exceções. Mas essas são as santas que os altares não conhecem”; ou seja, a exceção é o tipo de solteirona do qual Arabela faz parte, ou que a figura de Arabela representa: aquela que se confessa, que é capaz de amar mesmo que seja a um santo. “Acredito todavia, que V. seja uma dessas exceções que redimem a espécie humana da sua maldade innata. V., **pelo menos**, confessa que é solteirona”. Ela não deixa de ser uma solteirona, mas se diferencia das demais, como indica o **pelo menos**. Então, de quem o enunciador está falando quando no início do enunciado diz “**Todas elas**”? Ele se refere não a todas as solteiras, mas àquelas que ele considera incapazes de amar, que não se confessam; ou seja, aquelas mulheres que excedem ao seu assujeitamento como “solteirona”. Finalizando o discurso, o enunciador tece as suas recomendações:

A leitura, a meditação, o trabalho artístico não substituem um marido mas ajudam a esquecer a sua falta... Depois dos 40 anos, o **império da Biologia** se abrande e adoça. A natureza bem sabe que seria uma tortura innominável estar, toda a vida, sob a **tyrannia brutal do sexo**. E na mulher – em que as manifestações do sexo são mais delicadas – esse período de tyrannia é, pelo menos, dez anos menor do que no homem.

A matriz de sentido do enunciado é o que Foucault chamou de dispositivo da sexualidade: um aparato de poder usado para produzir a verdade sobre o sexo, tornando-o o eixo definidor e inteligível das pessoas<sup>10</sup>. Como sublinha Swain, todas as pessoas, agora aprisionadas em corpos naturalizados e sexuados, estão obrigadas a uma prática sexual qualquer. A sexualidade passou a definir a identidade dos sujeitos e seus padrões de

comportamento, ela é a única forma de afirmar sua existência e sua inserção no mundo.“(...) Em que me torno, quando me ausento da sexualidade, que ser monstruoso é este, cujos anseios não passam necessariamente por práticas genitais?”, pergunta-se Swain<sup>11</sup>. No enunciado, o sexo e as pulsões sexuais, vistos como naturais, se impõem ao indivíduo independentemente de sua vontade, impreterivelmente: “**o império da Biologia**”. A palavra “**tirannya**” – reforçada pelo advérbio de intensidade “**brutal**” – indica que o indivíduo vive sob as determinações de seu sexo. Assim, o pressuposto do enunciado é a heterossexualidade compulsória, e de que todas as pessoas inevitavelmente têm pulsões sexuais. Neste caso, as solteironas serão pensadas como seres monstruosos, não pela ausência de desejos sexuais, mas pela impossibilidade de realizá-los, uma vez que a castidade delas é também outro pressuposto do enunciado. As diferenças de gênero também são construídas a partir de sentidos cristalizadores de representações sociais sobre as mulheres, ligadas à sua suposta sexualidade exacerbada: “E na mulher – em que **as manifestações do sexo são mais delicadas**”. Desde a lendária Eva, a volúpia foi uma das matrizes de inteligibilidade do feminino como marcas de um “pecado original”. Assim, a mesma natureza que determina a intensidade, ou império, do sexo sob os indivíduos, por sua sabedoria, determina também um período mais curto de desejos e pulsões sexuais nas mulheres em relação aos homens. Seus desejos irrealizáveis, por maior tempo, causariam maiores sofrimentos para si, e maiores perigos para os outros.

Evite idéas tristes, e procure nadar 500 metros em linha recta. O mar é a fonte da vida e o fornecedor universal das perolas. Que V. pesque, naquellas águas profundas, o **marido do seu sonho** e da sua alma, é o que lhe deseja, em nome da **Biologia**; da **Tradição** e da **Igreja**, o seu servo humilde.

Ele finaliza seu discurso utilizando o argumento de autoridade, da **Biologia** (discurso científico), da **Tradição** (discurso da cultura) e da **Igreja** (discurso religioso). As mulheres celibatárias, produzidas como “solteirona”, são, assim, subversivas de leis naturais, culturais e divinas. Acredito, portanto, que o ataque às “solteironas” e a construção de representações sociais delas como mulheres amargas, rancorosas, invejosas, infelizes, criaturas proibidas de amar, são também parte dos dispositivos utilizados para salvaguardar

um modelo de casamento e família baseados na hierarquia conjugal e distinções de gênero, à medida que empurra as mulheres para o matrimônio, onde poderiam ser mais facilmente controladas tanto por dispositivos legais<sup>12</sup> como pelos dispositivos culturais<sup>13</sup>. Nesse sentido, acredito que as mulheres celibatárias poderiam exercer mais “livremente” suas escolhas ou aspirar a interesses mais individuais, o que seria um ato político, na medida em que não trocam controle/autonomia pela proteção marital. Nesse aspecto, elas saem fora do gênero, ou nos termos de Tereza de Lauretis<sup>14</sup>, elas excedem ao seu processo de assujeitamento como esposa e mãe de família; não escapam a suas representações sociais, mas sua forma de vida subverte os padrões definidores do que é ser mulher de uma determinada época. As mulheres celibatárias pareciam, assim, colocar em risco a regularidade de uma ordem que se instituíra, constituindo uma ameaça que precisava ser combatida.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um dos temas que está sendo discutido em minha tese de doutorado, sob orientação da Profa. Rita Laura Segato, no Programa de Pós-graduação em História da UnB.

<sup>2</sup> Utilizo a Análise do Discurso a partir das noções de autores como Orlandi (ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002) e Maingueneau (MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências da Análise do Discurso*. 3ed. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997).

<sup>3</sup> ALTEROSA, ano II, p. 75-76, set./1940. A revista Alterosa era uma publicação voltada para toda a família.

<sup>4</sup> Para Ian Watt a visão da “solteirona” como um “tipo ridículo e até detestável surgiu no final do século XVII”, na Inglaterra, como efeito da crise do casamento e do desenvolvimento do capitalismo que provocou mudanças no *status* da mulher solteira. A palavra “*spinster*” – que significa em sua origem fiandeira – sugere isso (WATT, I. *A ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996p.127). A palavra *spinster* começou a ser utilizada com um sentido pejorativo, como lembra Quintaneiro, exatamente quando a importância da indústria doméstica decaiu e com ela o *status* das mulheres solteiras (QUINTANEIRO, T. *Retratos de mulher*. Petrópolis: Vozes, 1996). A literatura inglesa do século XVIII, passou também a conter numerosas caricaturas de solteironas como “criaturas desprezíveis”. No Brasil, conforme Rangel, a “solteirona” como um personagem só aparece na literatura brasileira no início do século XX, justamente quando as mulheres davam seus primeiros passos para a emancipação, dedicando-se ao trabalho fora do âmbito da casa (RANGEL, M.L.S. A solteirona na literatura brasileira. *Leitura*. São Paulo, 12 (142), mar./1994).

<sup>5</sup> LOBATO, J. P. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero)

<sup>6</sup> O amor foi uma fonte de intensas críticas do movimento feminista dos anos 1970, visto como fonte de opressão das mulheres, inimigo primordial de sua emancipação. Como sublinha Lobato, “o *casamento por amor* ideologicamente *individualista* e socialmente burguês, fundamentado na intimidade matrimonial” surgia aos olhos de feministas como Betty Friedan “como profundamente prejudicial às mulheres. O amor que lhes era ofertado parecia-lhes como inextricavelmente ligado a uma submissão inevitável ao poder masculino” (Lobato, Id.p.165).

<sup>7</sup> NEVES, B. A tragédia das solteironas. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 17 de jul.1937.

<sup>8</sup> FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. V.1, A vontade de saber. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 58-62.

<sup>9</sup> Susan Besse destaca que muitas “solteironas frustradas e raivosas” eram internadas por serem consideradas transgressoras de normas da vida familiar e da propriedade sexual; ainda segundo essa autora, a “instituição de uma casa de idosos para as mulheres não-casadas” era uma idéia defendida por uma articulista da Revista Feminina. (BESSE, Susan K. *A modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Endusp, 1999, 153).

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. Op. cit.

<sup>11</sup> SWAIN, Tânia N. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitários. *Textos de História*. Brasília, v.8, n.1/2, p. 47-86, 2000.

<sup>12</sup> O primeiro código civil brasileiro, instituído em 1916, que definia o marido como cabeça do casal perante a lei, investido do poder de autorizar ou proibir a esposa a seguir uma carreira profissional.



---

<sup>13</sup> A maternidade esclarecida que aumentava gradativamente os requisitos que amarravam as mulheres à esfera doméstica e tornava incompatível o exercício da maternidade com uma carreira profissional.

<sup>14</sup> DE LAURETIS, Thereza. Eccentric Subjects: feminist theory and historical consciousness. *Estudies feminist*. s/l, v.16, n.1, p. 115-150, 1990.